

Castanheira Jovem

Associação da Juventude Activa da Castanheira
Boletim Nº 31 Agosto 2010



Hugo Cazanova

Cantor com sabor a salsa

Hugo Cazanova é o nome artístico de Hugo Biqueira, artista de música popular, filho de uma castanheirense, Otilia Moita Marques e neto da ti Alzira Moita e do ti Serafim Marques. Vive em Castelo Branco, está a acabar os estudos e desde há cerca de 2 anos que enveredou pelo caminho da música, com a agenda cheia de concertos. Editou há cerca de um ano "Eu sei que é amor", o primeiro CD, com um cheirinho de "salsa". **Entrevista na página 4.**

Escola vai fechar?

Alunos vão ficar pelo menos mais um ano



O anunciado fecho das escolas com menos de 21 alunos lançou o pânico na Castanheira cuja escola está a com a corda na garganta há já alguns anos. 7 alunos em 2009/10 é realmente pouco e faz pensar. E as alternativas são melhores? **Textos na página 7**

Jornada de 5 de Junho

Limpar o lixo na Castanheira

O Vamos Limpar Portugal não arrancou na Guarda mas o dia 5 de Junho serviu para tapar esse buraco. A Castanheira aderiu e um grupo razoável de pessoas foi recolher lixo à volta da aldeia. Oportunidade para o CJ fazer o ponto da situação deste problema na freguesia.

Página 3

Feira e Foral do Jarmelo

Jarmelo com vida

A Feira de Gado do Jarmelo foi no passado dia 3 de Junho e teve sucesso. A vaca jarmelista é mais difícil de se impor. Um dos organizadores da Feira, Rui Paixão, e um entusiasta daquela raça, Agostinho da Silva, fazem o balanço. Por outro lado, Jarmelo também é história e a edição do foral manuelino merece destaque. **Página 5.**

27ª Feira do Jarmelo
3 e 6 de Junho 2010

500º aniversário da atribuição do Foral do Jarmelo por D. Manuel I

29º Concurso Nacional Bovino da Raça Jarmelista

29ª Feira do Jarmelo

3 e 6 de Junho 2010

17h00. Momento musical

29º Concurso Nacional Bovino da Raça Jarmelista

Dia 6

- 8h00 Recepção dos animais
- 9h00 Abertura da mostra de artesanato
- 10h00 Avaliações e classificações dos animais
- 11h30 Colóquio
- "O Mundo Rural, suporte da vida e reserva ambiental insubstituível"
- 13h00 Entrega de prémios
- 14h00 Degustação de Vitela Jarmelista
- 16h00 Garrafeira

Os nossos santos ainda são populares



por Marlene Fortunato

Cada época do ano é representativa de tradições que perduram e que de alguma forma marcaram o nosso crescimento como pessoas. As festas populares é uma delas e Junho é o mês delas.

Começa-se com o Santo António em Lisboa na noite de 12 de Junho. Sai-se à rua para, na Av. da Liberdade, acompanhar as Marchas, sobe-se a

Alfama, ao Castelo ou à Sé para comer a sardinha no pão, beber o vinho e tentar, no meio da multidão, não perder quem nos acompanha. A música popular invade as ruas e apetece dar um pezinho de dança, se houver espaço para isso. Lisboa transforma-se numa grande festa ao ar livre onde não há fronteiras nem limites de idade.

Já no Porto, o São João é festejado na noite de 23 com balões de ar quente, alho porro ou na forma de martelos de plástico, o manjerico com versos populares e o fogo-de-artifício à meia-noite. Também aqui os bairros típicos enchem-se de gente disposta a passar a noite em claro, se for preciso, para viver o verdadeiro São João.

Por fim temos o S. Pedro (dia 29), que, apesar de não estar ligado a nenhuma cidade em particular, se comemora com destaque por exemplo em Sintra, que dá especial destaque a este festejo, diferindo pouco dos anteriores: sardinha assada, manjerico e vinho. No entanto, um pouco por todo o país há bailaricos, a fogueira, o caldo e a sardinha, marcando assim o fecho de um mês repleto de festejos populares.

O que os une, além do mês, é o espírito de partilha, porque na realidade todas estas celebrações começaram como uma tradição espontânea, onde um grupo de vizinhos se juntavam para, entre amigos, celebrar os santos populares. Também assim era e é festejado na Castanheira. Infelizmente não com a força de antigamente. Das recordações fazem parte a enorme fogueira no Outão, na altura do S. João, e o pão molhado da sardinha assada ou o ajuntamento de vizinhos ao pé das Eiras, na altura do S. Pedro. Para os mais novos era sinónimo de noites longas, a saltar todas as fogueiras, e o início das férias de Verão.

Este ano, na Castanheira juntou-se um pouco das três tradições e comemoraram-se os Santos Populares com as Marchas (com a Escola de Música da Banda de Pínzio), a fogueira de rosmaninho, a sardinha assada e o vinho (e para alguns a sangria). A noite de Verão ajudou à boa disposição onde não faltou a animação. Aguardamos que no próximo ano haja mais do mesmo.

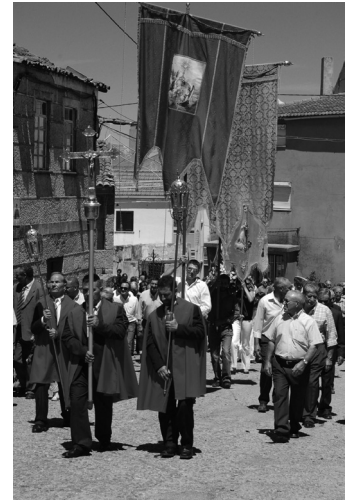
23, 24 e 25 de Julho

Sr^a da Conceição com festa para todos

Mais um ano na Castanheira, mais uma festa em honra da nossa padroeira - Nossa Senhora da Conceição. Este ano, dia 23, 24 e 25 de Julho, promete a continuidade do ano passado e algumas novidades.

A semana começa a 21 com a preparação espiritual para a festa - adoração ao Santíssimo (dia 21), confissões (dia 22), oração do Rosário e Eucaristia (dia 23). Já a animação musical estreia-se a 23 com o baile com Nuno Nunes, seguido do duo de Dj's amigos da casa. Sábado, dia 24, é marcado pela variedade de oferta de lazer - Matraquilhos Humanos e Insufláveis, Garraiada e, sempre presente, a Quermesse. Para iniciar a noite há a Procissão das Velas (21h) seguida de baile com Jackpot (23h) e novamente os Dj's.

Domingo, 25, é sem dúvida o dia pelo qual se faz a festa: Eucaristia com procissão acompanhada pela Banda Filarmónica de Peroviseu, que actua ao início da tarde com um concerto, ao qual se segue o Rancho Folclórico da Casa do Minho em Lisboa. A festa encerra com o Grupo Referência, com votos que os próximos mordomos nos surpreendam no próximo ano.



Diáspora castanheirense

Base de dados vai nascer

Tínhamos aqui lançado a ideia no número anterior: recolher o maior número possível de dados dos castanheirenses que habitam fora da aldeia de modo a caracterizarmos a diáspora e as actividades desenvolvidas pelos castanheirenses. Elaborámos assim um questionário que iremos colocar à disposição de todos e que ficará disponível no site da AJAC, solicitando o envio dos dados, após o seu preenchimento. As perguntas são as seguintes:

- 1) Nome completo:
- 2) Data de nascimento:
- 3) Nome dos pais
- Pai:
- Mãe:
- 4) Morada actual:
- Contacto telefónico:
- E-mail:
- 5) Actividade principal na actualidade:
- Actividades / profissões anteriores (indique os anos destes trabalhos):
- Outras actividades desenvolvidas actualmente (segunda actividade profissional,

- voluntariado, associativismo, actividades artísticas ou de lazer)
- 6) Se é reformado, indicar a profissão(ões) e instituição(ões) ou empresas em que trabalhou:
- 7) Estado civil:
- Nome do cônjuge:
- Nacionalidade do cônjuge:
- 8) Estudos
- Grau académico atingido:
- Situação académica actual:
- Estudante na
- 9) Últimas 2 estadias na Castanheira (ano e mês)

Um Ecoponto não é suficiente

Há ainda muito a fazer com a problemática dos “lixos” na Castanheira, Rabaça e Porto Mourisco. Continua a verificar-se o abandono nas matas e caminhos rurais, o que neste momento não se justifica.

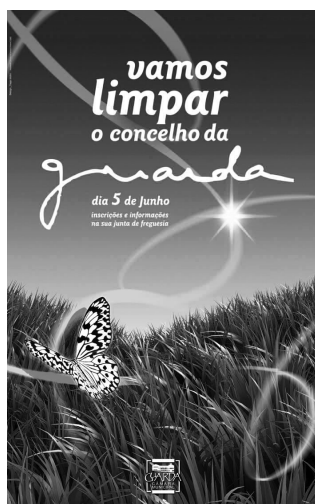
Segundo Leonel Abadesso, Presidente da Junta de Freguesia da Castanheira, “o problema do lixo é a falta de civismo de uns e a incompreensão de outros. Falta de civismo daqueles que, mesmo sabendo da existência de locais próprios para depositar o lixo, não o fazem por razões de comodismo. Outros há ainda que não perceberam que, mesmo que o frigorífico ou o colchão velho não caiba no contentor, também podem ser reencaminhados para os locais próprios, sem terem de se deslocar às matas para aí os deixarem e provocarem distúrbios na Natureza.” Num espaço tão restrito, como é a freguesia da Castanheira, qualquer pessoa entra facilmente em contacto com a Junta de Freguesia sempre que haja dúvidas acerca dos locais de deposição de resíduos, evitando cenários degradantes, com amontoados de “lixo”.

A recolha dos resíduos sólidos urbanos é feita pela Câmara Municipal da Guarda, duas vezes por semana, o que parece ser suficiente tendo em conta o número de contentores existentes na freguesia da Castanheira. O mesmo já não se pode dizer em relação à recolha de recicláveis, pois existe apenas um ecoponto, que supostamente servirá a Castanheira, Rabaça e Porto Mourisco, e que é recolhido de 3 em 3 semanas. Numa altura em que a reciclagem é um tema de extrema importância, parece inadmissível que a Rabaça e o Porto Mourisco não tenham um ecoponto. Não falando na insuficiência do existente durante os meses de Verão. Segundo Leonel Abadesso, a falta de ecopontos dificulta a mudança de hábitos da população relativamente a esta questão. “A reciclagem continua a ser um problema, não é fácil inculcar hábitos de reciclagem quando só existe um local de recolha desses mesmos resíduos. Como é que se pode dar a conhecer uma coisa que é



quase “rara”? Pedir aos habitantes da Freguesia para reciclarem é infrutífero se muitos desconhecem a existência ou localização do Ecoponto. Mesmo aqueles que estão dentro do assunto acabam por se desmotivar de o fazer pois estão longe de casa ou quando lá vão já não há espaço para lá deixarem as coisas. É de notar que não é por falta de pedidos que existe apenas um Ecoponto, e futuramente continuaremos a lutar para que sejam colocados em mais locais da Freguesia.”

Todos nós já deparamos com a taxa de resíduos na factura da água. Convém salientar que esta taxa se refere apenas à quantidade de resíduos depositados em aterro sanitário, ou seja, à quantidade de resíduos que são colocados nos contentores de resíduos sólidos urbanos. Deste modo, se todos reciclarmos, a quantidade de resíduos que a Câmara Municipal recolhe duas vezes por semana, é menor, diminuindo consequentemente os custos associados. Deste modo, com a colaboração de todos, poderemos reduzir o valor dessa taxa, e comprovar definitivamente que são necessários mais ecopontos, com uma recolha mais frequente.



Limpar a Castanheira no dia 5 de Junho foi uma experiência inesquecível. Porque as “lixerias” ainda não acabaram e o descaramento de largar o lixo em qualquer lado também não.

Este ano o Dia Mundial do Ambiente não passou despercebido na Castanheira. A Junta de Freguesia apelou à colaboração voluntária de todos na iniciativa promovida

Jornada de 5 de Junho

Limpar a Castanheira

pela Câmara Municipal da Guarda “Vamos Limpar o Concelho da Guarda”, não só de forma a minimizar as “lixerias” existentes na nossa freguesia, como também contribuindo para a sensibilização da população para as questões ambientais, de modo especial para o abandono de resíduos.

Às 9h00 do dia 5 de Junho, partiu do Largo do Outão um grupo de voluntários devidamente equipados com boné e luvas, dispostos a “sujar as mãos” pelo nosso Ambiente. Apesar de não serem muitos, foram suficientes para recolher cerca de 4 atrelados de lixo abandonado na via pública - pneus, electrodomésticos, colchões, farrapos, latas, ferro, e muitas garrafas. Muita gente aproveitou para sair à rua e solicitar a recolha de alguns que tinham em casa. Entristeceu-nos bastante o facto de se verificar que ainda há gente a abandonar indevidamente os resíduos, numa altura em que tanto a Câmara Municipal

da Guarda como a Junta de Freguesia da Castanheira dão as devidas condições para que os mesmos sejam recolhidos porta a porta. Isto falando dos resíduos volumosos, como electrodomésticos, sofás, colchões, etc., porque, para os resíduos domésticos, existem vários contentores pelas ruas da Castanheira, onde devem ser colocados este tipo de resíduos. Na verdade, é que no decorrer desta actividade até se encontraram resíduos domésticos abandonados no caminho de acesso às “Cabeças”. É incrível! Esse “lixo” foi recolhido, e até se conseguiu identificar o detentor. Na opinião de alguns, essa pessoa deveria ser chamada ao local para fazer a respectiva limpeza. Uma vez que isso não foi feito, espero que essa pessoa leia este texto e que sinta vergonha e remorsos daquilo que fez.

Acabou por ser uma manhã útil e divertida, com direito a almoço no final da actividade.

Hugo Cazanova, cantor

Diz os teus dados pessoais: nome completo, idade, situação académica, nome dos teus pais.

Hugo Cazanova - Hugo Filipe Marques Biqueira, filho de Rui Manuel Cardoso Biqueira e Maria Ofélia Moita Marques Biqueira. Frequento o Ensino Superior, na Escola Superior de Educação em Castelo Branco. Tenho 26 anos.

Que tipo de música cantas? Que actividade musical desenvolves ao longo do ano? Quantos concertos já fizeste este ano e quantos já tens marcados para o Verão?

Hugo Cazanova - O tipo de música que canto é algo muito pop, muito latino, um estilo muito alegre, porque numa altura destas as festas querem animação e é isso que eu tento ao máximo em cada espectáculo. Este ano já tive bastantes espectáculos, e marcados também tenho alguns. As comissões de festas este ano, e devido à crise, acabam por "marcar" sempre em cima do momento. Mas posso considerar o meu espectáculo muito animado, visto ter a companhia de um casal de Bailarinos, a Filipa e o Pedro, dois grandes profissionais.

Encaras a actividade musical como a tua profissão no futuro? Ou para que área profissional te inclinas?

Hugo Cazanova - Infelizmente em Portugal é difícil viver-se de uma carreira musical. Tudo se vai construindo aos poucos e é isso que eu estou a fazer, construir uma carreira, um futuro na música. Quem sabe... Mas, ao mesmo tempo, tento conciliar o meu curso superior/ensino básico, ser um futuro professor/cantor.

Como podes caracterizar o CD que editaste e as músicas que gravaste? Quem escreve as letras e músicas? Já te sentes com capacidade de fazer as tuas próprias músicas?

Hugo Cazanova - O álbum "Sei que é amor", todo ele o caracterizo como o estilo muito latino, muito Pop, e todas as faixas deste meu primeiro trabalho assim o são, desde baladas, salsas, latinas, uma mistura de estilo, visto ser o meu primeiro CD. As letras e músicas são produzidas e escritas pelo grande produtor Jorge do Carmo. Quanto ao escrever as minhas próprias músicas, ainda é cedo, confio plenamente no Jorge do Carmo, que me fez descobrir o estilo musical onde me sinto bem.

Como comentas a colaboração do Tony Carreira com uma música para o teu CD?

Hugo Cazanova - Sinto-me um "sortudo", porque ir ao programa do Manuel Luís Goucha e Cristina Ferreira "Você na TV", e ter a sorte do Tony gostar de me ouvir e oferecer-me uma música, é algo que me deixa orgulhoso e, por mais CD que venham, a música "Amanhã vou-lhe falar" será sempre aquela que considero "especial".

Tens um Clube de Fans na Net. O que te dizem os teus fans e o que faz este Clube?

Hugo Cazanova - Em www.hugocazanova.com, as pessoas deixam os seus comentários, mesmo no [youtube](https://www.youtube.com). Nos vídeos



dos programas onde estive deixam também, e tenho recebido um carinho e uma força incrível das pessoas, não só de Portugal, mas também das Comunidades.

Os teus gostos musicais são dentro da área em que cantas? Ou tens gostos mais variados?

Hugo Cazanova - Eu gosto bastante do estilo que canto, aliás música portuguesa, para mim, é sem dúvida uma prioridade. E claro adoro cantar o meu estilo, Salsa.

Vens à Castanheira de vez em quando? Qual a apreciação que fazes sobre esta terra?

Hugo Cazanova - Infelizmente, vou pouco, mas as vezes todas que aí vou posso dizer que acho muito bonita a Castanheira.

Gostarias de cá vir cantar?

Hugo Cazanova - Claro!!! Ainda por cima, sendo a terra da minha mãe, teria todo o gosto mesmo, e seria um dos locais em que poderia considerar muito especial o meu Concerto!

Uma festa à volta do gado jarmelista



Rui Paixão

No dia 6 de Junho de 2010 decorreu mais uma edição da Feira-Concurso do Jarmelo, que já conta com 27 anos de um misto de gado, cultura e animação.

Este ano, dando continuidade a um projecto iniciado em 2009, fizeram parte da Comissão Organizadora as duas Juntas de Freguesia do Jarmelo (S. Pedro e S. Miguel), a Associação Cultural e Desportiva do Jarmelo e a Associação de Criadores de Ruminantes do Concelho da Guarda - ACRIGuarda. Este esforço crescente de envolver as entidades locais do Jarmelo e a associação representante dos criadores aos quais se dirige o concurso pecuário tem vindo a dar os seus frutos uma vez que se tem verificado uma presença cada vez mais numerosa de exemplares porque, no nosso entender, numa região cada vez mais envelhecida e desertificada só faz sentido organizar eventos que correspondam incisivamente às necessidades de reconhecimento e de incentivo às actividades económicas que teimam em persistir face a todas as contrariedades.

De uma maneira geral, foi um dia muito bem passado com muitos visitantes, muita animação itinerante, insufláveis, animação específica para a criançada e desportos radicais para os mais aventureiros. Os pontos altos desta iniciativa foram sem dúvida o colóquio "O mundo rural - suporte da vida e reserva da vida insubstituível", a entrega dos prémios aos criadores, a degustação da Vitela Jarmelista (desta vez assada no espeto) e a animada garraizada.

A XXVII Edição da Feira-Concurso do Jarmelo decorreu dentro do pro-

grama pré-estabelecido e pudemos contar com a participação de 13 criadores de pequenos ruminantes (ovelhas e cabras) e de 9 criadores de Bovinos Jarmelistas. Foram atribuídos prémios aos 3 melhores exemplares de 12 categorias tendo vencido os seguintes criadores: nos bodes, Abel Morais Martinho (de Videmonte); nas cabras Leonel Marques (de Pera do Moço); nos anacos Manuel Santos (de Pera do Moço); nas anacas Abel Morais Martinho (de Videmonte); nos carneiros Manuel Santos (de Pera do Moço); nas ovelhas Joaquim Miguel Santos (de Pínzio); nos malatos Manuel Santos (de Pera do Moço); nas malatas Aurélio Fernandes (da Vendada); nos touros João Trindade Cairrão (de S. Pedro do Jarmelo); nas vacas Joaquim Fernandes (da Amoreira); nos novilhos Filipireza (de Maçainhas) e nas novilhas M^a Dulce Almeida (de Famalicão). Manuel Santos distingue-se assim como o produtor com mais títulos alcançados.

Quanto aos custos da organização deste evento, além de estarem a cargo das entidades envolvidas directamente na organização, contámos com o apoio da Câmara Municipal da Guarda, do PRODER - Programa do Desenvolvimento Rural e de patrocínios de alguns particulares e empresas que, mesmo em clima de "crise", se esforçam e fazem mesmo questão de se aliarem a eventos deste género.



A vaca jarmelista

A saída tem de ser política

A questão da vaca jarmelista, só tem duas saídas, ambas de carácter político (isso sim é que me custa): deixar que o



Agostinho da Silva*

"problema" se resolva por si só, com o tempo impiedosamente a fazer estragos; ou também com o tempo, mas em "contra-relógio" (contra ciclo também) avançar de uma vez por todas para o que um dia ficou "sonhado", a implantação em "barrigas de aluguer", para se chegar ao tal efectivo próximo dos 400 animais.

Sinceramente, não vejo vontades políticas, e até das outras, para que a tal se consiga chegar. O tal plano, quiçá "maquiavélico", de sustentar a existência de uma raça com nome Jarmelo associada, parecia o início de um sonho lindo, que afinal teima em se revelar pesadelo para quem nele entrar.

É inconcebível que a forma como é dado o apoio aos criadores (os tais 17, na maioria pequenos proprietários), tenha que funcionar como funciona. Aqui, terei que repor justiça na forma como a ACRIGUARDA se tem empenhado e esforçado, para manter o serviço que mantém.

O Ministério da Agricultura terá que de uma vez por todas tratar a "doença" com vontade de a resolver: ou assumir uma coisa (acabar com) ou outra (avançar para). Assim que se falou da possibilidade de implantação em "barrigas de aluguer", logo apareceram pessoas com vontade de colaborar e disponibilizar as suas vacas para tal.

* criador de vaca jarmelista

O nosso património desconhecido

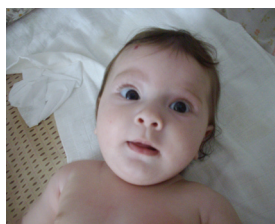
Apesar de ser desconhecido para muitos dos Castanheirenses, este é um património com alguma importância, embora tenha sido votado ao abandono ao longo de muitos anos. Eu sempre fui conhecedor de 3 sepulturas, isoladas, existentes nas "Desgracias", até porque num terreno dos meus pais existe uma, a que chamamos "campa dos mouros". O que desconhecia até alguns anos atrás era a existência de mais e noutros locais. Recorri à memória e ajuda de Joaquim Pires, de 78 anos de idade, que me acompanhou pela segunda vez à "Quintã/Rebolais" onde no espaço de meio hectare, observámos sete sepulturas de diferentes dimensões aí existentes. Guardava na minha fraca memória a imagem de oito, mas a densidade do mato não deixou confirmar esse número. Actualmente este património está escondido/perdido no meio das giestas e pequenos carvalhos, muitas estão entulhadas de terra e pedras. Joaquim Pires lembra que noutros tempos ele, o Ti Benjamim e o Ti Agostinho Saraiva guardavam ali as ovelhas e as terras estavam todas lavradas e semeadas de centeio, ficando



apenas os locais das sepulturas porque era rocha. Puxo-lhe pela memória e confirma a existência de outras sepulturas na zona da "Contina", "Leguinhas" e "Uivado", mas hoje não se recorda do local exacto das mesmas, e talvez nem a vegetação ajudasse na localização. Na Castanheira confirmámos junto do Ti Zé Pedro e do Ti Aurélio, que o terreno onde estão as sepulturas, pertence a Joaquim Manuel Alexandre Ferreira e João

Alberto Alexandre Ferreira. O acesso à propriedade é feito pelo caminho da Fonte da Toca que se encontra em bom estado, depois é necessário atravessar algumas propriedades com bastante mato. Talvez criar condições de acesso, limpeza das sepulturas e sinalização, permitisse visitar este património para muitos desconhecido, não esquecendo todas as outras existentes nos outros locais.

Castanheira em movimento



Nascimentos:

Iara Filipa Saraiva Belo,
Filha de Jessica Pinto
Saraiva e Henrique
Filipe Valente Belo.
Data de nascimento:
20/02/2010



Baptizados:

Matilde Inês Marques
Velofo Fortunato, filha de
Tânia Marques Velofo
Fortunato e Daniel Marques
Fortunato.
Baptizado: 16 de Maio
de 2010.

* Se desejar ver publicado no Castanheira Jovem o nascimento de algum bebé deverá enviar os dados e uma foto para castanheira.jovem@ajac.com.pt

Sepulturas antropomórficas

Não tínhamos conhecimento delas mas elas aí estão. São 7 sepulturas rupestres, escavadas no granito da rocha, algumas delas antropomórficas (de forma humana, nomeadamente ao nível de cabeça e ombros) e que estão em razoável estado de conservação.

Procuremos agora uma explicação para este tipo de sepulturas. Segundo Laurindo Saraiva, técnico da Câmara de Pinhel com formação superior em História, que estudou 31 sepulturas em Vascoveiro (Pinhel), as mais antigas habitualmente são as não-antropomórficas (séc. VIII). As antropomórficas serão do período da reconquista cristã, entre os séculos IX e XIII. Como no núcleo de Vascoveiro (e também na Castanheira) há sepulturas de dois tipos diferentes, poderá tratar-se de enterramentos de núcleos familiares, coabitando aqui os dois tipos de sepulturas. Nestes casos, o homem ocuparia a sepultura de contorno antropomórfico e a mulher a de contorno ovalado. A tampa das sepulturas em geral está ausente já que deve ter sido utilizada posteriormente para outros fins, incluindo paredes. Estes dados foram referidos pelo autor num artigo publicado no Boletim Cultural do INATEL nº 1 em Novembro de 1999.

O facto de encontrarmos na Castanheira pelo menos um outro núcleo de sepulturas rupestres nas "Desgracias" leva à conclusão de um povoamento disperso nesta zona na Idade Média.

Joaquim Igreja

Fecho ainda não é para este ano



Como a comunicação social tem divulgado, segundo as novas Directivas do Ministério da Educação, todas as escolas com menos de vinte e um alunos teriam os dias contados. Assim sendo, a nossa Escola Primária também seria lesada, já que no ano lectivo 2009/2010 contava apenas com sete alunos. No entanto, uma escola não se limita apenas aos alunos que a frequentam, integra também um conjunto de pessoas que proporcionam condições físicas e afectivas para o normal funcionamento do ambiente escolar. No caso particular da nossa escola, conta com uma Tarefaira e uma Professora.

Para nos elucidar acerca do fecho iminente da nossa escola, o CJ entrou em contacto com o Presidente da Junta de Freguesia, Leonel Dinis Abadesso. Este começou por nos dizer que, no início das notícias referentes ao fecho das escolas com menos de 21 alunos, "houve algum alarmismo e surpresa, pois pouco tempo antes tinha sido confirmado pelo Sr. Vice-Presidente da Câmara, Dr. Virgílio Bento, que este ano não iriam encerrar escolas". Quanto à reacção dos pais, considerando o feedback que nos foi transmitido, o estado foi de confusão, já que tinha havido uma garantia da Câmara Municipal da Guarda de que a nossa Escola permaneceria aberta, sugerindo no entanto as notícias o contrário, o que se traduziu numa série de telefonemas para a Junta.

A alternativa apontada, segundo Leonel Abadesso, seria a Escola de Carpinteiro, alternativa não considerada viável pela falta de condições para receber mais alunos. Desta forma, teria de ser feito um esforço para chegar a um acordo com a Câmara da

Guarda, o qual possibilitasse a manutenção da escola aberta. De acordo com Leonel Abadesso, "a Junta teve uma reunião com o Vice-Presidente da Câmara ao qual manifestámos o nosso descontentamento pelas notícias do encerramento das escolas com menos de vinte e um alunos, assim como pela escola que possivelmente os iria receber, com condições piores que as da nossa escola".

Segundo o Presidente da Junta, existem excelentes condições para a manutenção do funcionamento da nossa escola, entre as quais: a vedação, proporcionando uma melhor segurança; a cozinha e a cantina, onde são confeccionadas e servidas diariamente as refeições; o aquecimento central para os Invernos rigorosos; o ATL e o calor humano de quem lá trabalha para que as nossas crianças se sintam em casa, faltando apenas o fundamental para que tudo isto resulte na perfeição: "crianças".

A reunião realizada com elementos da Câmara terá sido crucial porque "havia um desfasamento do número de alunos relativamente ao ano de 2010/2011, em que a informação transmitida à Câmara pela Direcção Regional era de cinco alunos previstos quando na realidade são previstos nove". Esta informação foi transmitida à Directora Regional pelo Vice-Presidente da Câmara, no sentido de clarificar os números e solicitar a manutenção da nossa escola.

A questão final centrou-se nas expectativas para o próximo ano lectivo, ao qual Leonel Abadesso respondeu convicto: "A escola ainda não fecha este ano, vamos viver um dia de cada vez e ver o que o futuro nos reserva, lutando de uma ou outra maneira para não deixarmos acabar tudo num meio onde ainda falta tanto".

Em nome de toda a população Castanheirense, o nosso bem-hajam a todos os intervenientes que tornaram possível a continuidade da nossa escola.

Alexandra Marques

CRÓNICAS



por Joaquim Igreja

Num momento de aflicção da Escola Primária da Castanheira, que no próximo ano ou num dos próximos anos não terá crianças para manter a sua escola, ficar-me-ia mal não dedicar esta crónica à escola primária da Castanheira. Na verdade, foi lá que aprendi a ler, escrever e contar, a conhecer a História e a geografia, a conviver com os amigos, a adquirir regras. Na 1ª classe, ainda andei no edifício que depois se transformou em sede da Junta no Oitão, a partir da 2ª classe no edifício da escola actual. Eu como outros saímos da aldeia logo aos 10 anos. Não havia alternativa para continuar estudos. E depois de sair, se a vida corre bem, já raramente se volta. Porque se partiu para a grande cidade, para o emprego que só há em centros de média dimensão, para o conforto que se "conquistou" no meio urbano. Porque os confortos não são possíveis de maneira igual em tantas pequenas localidades. E porque não é possível "inventar" actividades económicas onde a economia não existe.

Hoje, na verdade, embora isso me custe a dizer, não acredito que haja perspectivas de continuidade da escola do 1º Ciclo na Castanheira e não acredito também que os alunos aí tenham melhores condições que numa escola com mais alunos, convívio, serviços e capacidade de intervenção pedagógica. Falo como professor e como castanheirense. Desde que os alunos não gastem em viagens mais que 30 ou 40 minutos para cada lado, justifica-se a mudança para uma escola de tamanho médio com melhores condições e mais alunos. A escola actual está muito bonita, tem campos de jogos, teve melhoramentos há pouco tempo mas isso não chega para a manter aberta. E se ela ficar aberta não será a escola que vai salvar a povoação, como alguns insistem em defender, tese desmentida pelos últimos 20 anos em que, apesar da escola, não se conseguiu atrair gente para a aldeia nem aumentar o número de alunos.

Não há comunidades se não houver meios de subsistência, se não houver actividade económica viável dentro delas ou nas suas proximidades. E actualmente não há actividade económica nem perspectivas dela. A diferença com o meu tempo é que no meu ano de nascimento (1958) nasceram na Castanheira cerca de 30 crianças e era necessário dar sustento a tanta gente. E hoje?

De qualquer modo, perante a eventualidade de irem os alunos para Carpinteiro ou para outra escola mais longe, hipótese de que ouço falar, não seria para já mais sensato, as crianças da Castanheira irem ter aulas a Pinzio, a 3 quilómetros, enquanto a questão do Centro Escolar não se define? Juntas as duas localidades, não dá para manter os 20 alunos? Mesmo que Pinzio pertença a Pinhel, o que para o assunto terá pouca importância...

joaquim.igreja@netvisao.pt

Uma ideia para a minha aldeia

por Ana Maria Moita



A realidade é dura, mas é esta. Onde estão as pessoas, o movimento e toda a agitação da nossa terra??

Cada vez que vou à Castanheira é mais notória a falta de pessoas, nas ruas, nos cafés, e a maioria das casas sempre fechadas. Com efeito, tudo isto me deixa muito triste, mas o que fazer?

Como todos os meus conterrâneos, amo a minha terra e muito gostaria

de contribuir para que as casas e as ruas da nossa aldeia tivessem mais gente, onde o sentimento de constante agitação estivesse bem patente. Não falo de agitação similar ao "stress urbano", mas sim de um conjunto de emoções que pudesse eventualmente mudar comportamentos dos naturais que pudessem trazer algum brilho às ruas da Castanheira.

O grande problema da Castanheira e de tantas outras aldeias é de facto o êxodo rural. Estando o meio urbano relacionado com oportunidades, o meio rural deveria ter algo que despertasse ou

renovasse o interesse das pessoas por este meio: a criação de espaços que apelassem à entrada de visitantes e naturais, de serem "escapes" de libertação do stress acumulado, de gozo de alguns momentos de tranquilidade e de restauro motivacional. Este é um apelo aos castanhenses: "Vamos à Castanheira!", nos fins de semana, nas férias, nas folgas, nos feriados... Sintamos a Castanheira em todas as estações do ano, de dia e de noite, em casa e na rua, contribuindo com a nossa presença, com as nossas ideias, saber, no desenvolvimento desta terra que nos viu nascer, crescer e quer continuar acolher com todo o seu carinho. Podemos assim contrariar a desertificação, tomando conhecimento dos reais problemas da Castanheira e de alguma maneira contribuir sempre que possível para a sua resolução.

- É urgente a construção de um lar na Castanheira, para acolher todos os nossos idosos;
- É urgente contactar diariamente todos os idosos da Freguesia: saudá-los, auxiliá-los na higiene, na alimentação, na medicação...
- É urgente contactar os residentes pessoalmente: conhecer as suas necessidades, conhecer o seu ponto vista para bem da Castanheira;
- É urgente a concessão de facilidades na aprovação de projectos para restaurar as casas em mau estado e redução no IMI, principalmente as do centro histórico da aldeia, à semelhança do que foi feito no centro histórico da cidade da Guarda.
- A proximidade à cidade da Guarda é uma vantagem competitiva que não é de excluir. É um incentivo à fixação de casais novos,
- O Turismo Rural na Castanheira poderá constituir uma forma de promoção da nossa Freguesia:
- A construção de um museu na Aldeia. Os usos, os costumes, as tradições, as artes e ofícios devem ser transmitidos às

gerações futuras. Os museus permitem a passagem desse conhecimento.

- A construção de um espaço multiusos (Centro Cívico) que proporcione o convívio que, se ainda não morreu, anda desaparecido.

- A construção de um espaço sede e dedicado aos ensaios da Banda da Castanheira;

- A riqueza gastronómica quer da Castanheira quer da região também não é de excluir. Um restaurante, na nossa terra, com estas características constituiria, sem qualquer dúvida, motivo de visita à Castanheira.

- Parece-me também importante a criação de percursos terrestres e circuitos de manutenção que envolvesse a própria aldeia, as terras de cultivo e pontos de repouso para apreciação da paisagem natural;

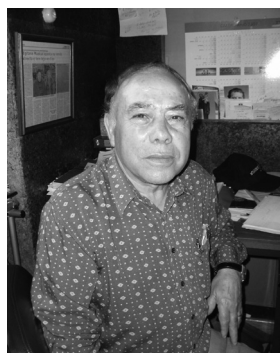
- Por fim, a criação de feiras mensais, ao 1º sábado de cada mês, para ajudar a promover os produtos da terra e 2 anuais: em Fevereiro a Feira do fumeiro; em Agosto a Feira do Emigrante.

UMA IDEIA PARA A CASTANHEIRA

por António Monteiro Igreja

Viver da agricultura é uma forma de empobrecer alegremente e daí que na Castanheira não haja agora grande futuro na agricultura. Cafés já há suficientes e mercearias também não fazem falta para além das que há. Há piscina. O que pode dar então rendimento nesta terra que já não tem crianças para a escola?

Na minha opinião, o que poderia atrair e dar algum rendimento seria o artesanato ligado aos linhos, mantas e outros têxteis, que se faziam aqui antigamente. Equipando-se com alguns



meios modernos, que facilitariam o trabalho da tecedeira, seria um meio de fazer rendimento depois de alguma formação. Até certo tipo de calçado mais rústico, como as botas de cabedal, poderia ser ainda atractivo, já que tem ainda alguma procura, mas disso já não tenho tanta certeza.

Quanto aos emigrantes, é bom acarinhá-los quando vêm cá em férias para que se mantenham cá e dêem vida à terra e entusiasmá-los a abrirem negócios na Castanheira quando eles voltarem.

Maria Teresa Pires, 92 anos



O nome verdadeiro, como tantos outros nomes, não a identifica na freguesia, onde é conhecida desde sempre como sendo a Ti Maria Josefa (da Rabaça), por ser filha de Josefa. Na Castanheira, enquanto lá viveu (17 anos), era a ti Maria do Pereira (do marido, António Pereira do Nascimento). Nasceu na Rabaça em 23 de Julho de 1918, filha de José Marcos e de Josefa Terras Pires. Naquela tarde dirigi-me àquela pedra de granito, já escondido pelos musgos, junto ao portão verde de zinco, ao início da Rua da Fonte.

Apesar da idade, mesmo depois de eu explicar o porquê da minha presença, várias vezes perguntou se eu estava por bem ou se era alguma coisa que a pudesse prejudicar na sua vida, o que nos tempos que correm é sempre sinal de ser uma pessoa actualizada com o mundo que a rodeia.

Maria Josefa, depois de casar com António Pereira do Nascimento (dos Gagos), viveu 17 anos e meio na Castanheira, na casa actualmente de Joaquim Terras. Tinham uma junta de vacas e uma égua. Recorda que seu marido, quando a

desposou, era já viúvo por duas vezes, tendo casado primeiro nas Casas da Ribeira e depois na Castanheira. Faleceu um mês antes da sua irmã Felicidade Teresa Pires, datas que ainda guarda na sua memória. De solteira a Ti Maria aprendeu costura, actividade que continuou no regresso à Rabaça em 1975, quando ficou sozinha e foi viver com o seu irmão Aurélio e a sua irmã Augusta Teresa Pires. Queixa-se das pernas e dá como culpados os três meses em que esteve no Hotel de Turismo da Guarda a passar a ferro, sempre em pé.

Apesar de ter perdido o seu pai aos 13 anos e a sua mãe aos 19, a Ti Maria ainda aprendeu a ler, na escola da Rabaça. O seu exame da 4.ª classe foi feito na Guarda no dia 16 de Julho (não recordando o ano), tendo ainda estudado 4 meses para regente. Aqui a sorte não lhe sorriu porque foram 62 candidatas e apenas entrou uma repetente de anos anteriores. Apesar da insistência da sua irmã, a Ti Maria não repetiu esse exame.

Pelo ruído que faz e pela sua falta de visão, optou por não ter televisão em casa. Apenas um rádio, sintonizado na Rádio Renascença, "para rezar o terço", lhe faz companhia. Contudo não dispensa a ida diária à igreja onde prometeu a N. Sra da Ajuda e a Santa Luzia. Apesar do contacto com o mundo ser bastante restrito, a Ti Maria Josefa manifesta uma cultura e uma actualização muito além do imaginável, só perceptível quando trocamos, como hoje, algumas palavras. Tem orgulho e enaltece os seus familiares e facilmente associa os percursos académicos deles com figuras públicas.

A Ti Maria apressa-me na conversa, porque não pode deixar de cumprir a sua promessa e a igreja pode fechar, mas antes oferece-me um copo de sumo como sinal de educação e volta a referir «veja lá se é por bem porque já sou uma pessoa de certa idade »

Manuel Alberto Dinis

Foral Manuelino do Jarmelo

Edição comemora os 500 anos

Foi precisamente há 500 anos que o Foral do Jarmelo nasceu, no mesmo ano que o da Guarda e de muitas outras cidades. Por isso o Museu da Guarda e a Associação Cultural e Desportiva do Jarmelo decidiram editar o Foral manuelino, documento guardado no Museu da Guarda. A sessão evocativa decorreu no Jarmelo, no passado dia 3 de Junho, três dias antes da Feira do Gado, com a presença de Maria Helena C. Coelho e Maria do Rosário Morujão, as duas professoras da Universidade de Coimbra que editaram o texto, depurando-o e juntando os esclarecimentos devidos.

O Foral de 1510 pretendia sobretudo fixar de maneira mais categórica os



tributos e portagens a pagar ao Rei no termo do Jarmelo pelos residentes e pelos senhorios, actualizando assim os direitos reais. Mas o que o Foral mostra é uma região com muito mais pujança económica do que a situação actual poderia fazer imaginar. Já à altura (1510) se confirma que o concelho do Jarmelo (extinto mais tarde em 1835) abarcava 11 lugares - Pomares, Toito, Cheiras, Mãe de Mingança, Lobatos, Argomil, Ima, Pínzio, Rabaça, Castanheira e Monteiros - e ainda 8 quintas - Valdeiras, Vasco Fernandes, Devesa, Brás Dias, Gil Afonso (Guilhafonso), Granja, Gagos e Urgueira. A vila do Jarmelo mais estes lugares e quintas somava, em 1527, um total de 379 habitantes. Conforme

nos diz M^o Helena Cruz Coelho, a dispersão por tantas quintas e lugares testemunha a ligação à agricultura: cereais, vinha e criação de gado. Na vila viveriam apenas nove moradores. Como actividade económica complementar, referem documentos antigos as "ferrarias".

O foral, depois de publicado em 1510, foi publicitado na câmara do Jarmelo a 24 de Novembro de 1515 e depois ao pé do pelourinho do Jarmelo a 5 de Maio de 1521. O documento que agora se publica tem uma edição magnífica e dignifica de maneira exemplar o passado da nossa região e de um concelho "amaldiçoado" a que a Castanheira pertenceu até 1835, ano em que o Jarmelo e alguns dos seus lugares, incluindo a Castanheira, foram integrados no concelho da Guarda.

Joaquim Igreja

O homem dos cavalos



Joaquim Monteiro Igreja é o primeiro à direita de pé. Ainda na fila de cima vê-se ao centro o filho António e à esquerda a filha Aida. Em baixo, a esposa, Cândida, é a segunda à esquerda

Morreu em 1973, com 60 anos e ainda era na altura uma das pessoas mais conhecidas da Castanheira. Deixou a mulher Maria Cândida (falecida em 1990) e 4 filhos, António (o Sr. Igreja da Egitânia) e Aida, estes dois ainda vivos, João, falecido em 1992 e Maria Alcina, falecida no passado mês de Junho. Foi junto do filho António que recolhemos as informações que se seguem.

Joaquim Igreja era o "homem dos cavalos", assim conhecido por ter, desde solteiro, animais para reprodução, nomeadamente bois, cavalos e burros. Tinha três cavalos, três burros e um ou dois bois. Das redondezas chegavam todos os dias animais para a fecundação. Depois a paga era feita em géneros, nomeadamente centeio, que Joaquim Igreja e os

filhos recolhiam nas aldeias vizinhas depois da época das malhas, junto dos proprietários das fêmeas, tivessem elas ou não empenhado. O centeio era vendido mais tarde a quem precisava dele. "Uma vaca pagava um alqueire de centeio, uma burra pagava dois, uma égua pagava quatro".

O ti Igreja era conhecido pelo seu à-vontade mas também por um carácter forte, decidido e capaz de impor a sua ideia nem que fosse pela força. Aos domingos à tarde, os "barulhos" eram frequentes na Castanheira e o ti Igreja não escapava a estes rebuliços junto das tabernas. Com varapau e em cima do cavalo era de temer. Nas feiras era a mesma coisa. Às vezes por bairrismo a defender os da Castanheira, outras vezes por defender os mais fracos, envolvia-se em discussões onde não era chamado e então "havia molho". António Igreja recorda um dia em que o seu pai voltou de cavalo à Castanheira após uma feira de Pínzio, em busca de reforços e após o repique dos sinos terá voltado a Pínzio para "varrer a feira", já devidamente acompanhado por muita gente que se tinha juntado e recolhido pedras para atirar aos "inimigos". Nessas ocasiões a auto-estima da aldeia subia em flecha.

Joaquim Igreja respondeu 17 vezes em tribunal por pancada mas foi sempre absolvido, o que mostra que não eram questões sérias e premeditadas, sendo muitas vezes a sua actuação em defesa dos mais fracos ou após uma série de copos bem bebidos. Segundo o filho, António Igreja, as patrulhas da GNR iam à Castanheira e iam muitas vezes petiscar em casa do ti Joaquim Igreja, recebendo atenções que depois revertiam em seu favor em ocasiões em que era necessário fechar os olhos.

Joaquim Martins Igreja

CASTANHEIRAS POR TODO O LADO

Castanheira (freg. Cós, conc. Alcobaça)

A Castanheira, na freguesia de Cós, concelho de Alcobaça, motiva hoje o nosso interesse. Trata-se de um lugar que do ponto de vista histórico, revela vestígios de grande importância. Os vestígios são mesmo do Paleolítico, semelhantes aos de Montes, outra localidade aqui perto.

No centro da aldeia, impressiona a imponência da fachada da Capela de Santa Marta. Bem perto da Castanheira situa-se também o santuário de Nossa Senhora da Luz, dedicado a esta Senhora depois de umas aparições a uma velhinha, Catarina Annes, em 1601. O Santuário terá sido mandado construir por D. Damião Borges, fidalgo da Sua Majestade em Honra de Nossa Senhora da Luz. Na capela-mor encontram-se as sepulturas de Catarina Annes e Damião Borges. Ali perto a 2 quilómetros situa-se a Fonte Santa,



origem daquele santuário, fonte cheia de propriedades milagrosas, pelo menos assim corre a fama.

Teresa Perdigão nos *Tesouros do Artesanato Português*, em 2001, indicava também a aldeia de Castanheira (Cós) como centro da produção de tapetes e alcofas em junco colorido por cesteiros e esteireiros, que entretanto deixaram de produzir por falta de rentabilidade.

(texto construído a partir de informações retiradas de vários sites da Internet)

Joaquim Igreja

Um salto para os Açores

A Fanfarra Sacabuxa, vai estar durante quatro dias nos Açores, na 26ª edição do Festival Maré de Agosto, um dos mais antigos festivais de música do país. A vigésima sexta edição do Festival Maré de Agosto realizar-se-á de 19 a 22 de Agosto, na Baía da Praia Formosa, na ilha de Santa Maria. À Sacabuxa está destinada a mareaada, que dará o toque de abertura dos concertos em todas as noites. Para além da Sacabuxa, o Festival conta também com artistas vindos dos mais variados locais, Continente Português, Brasil, Argélia, Dinamarca, Bélgica, entre outros, apresentarão música diferenciada, desde brasileira, dos balcãs, tradicional árabe, ao rock, blues e jazz. Para quem quiser saber um pouco mais deste festival pode consultar o site oficial em: www.maredeagosto.com. As próximas actuações vão ser no dia 23 de Julho no Seixal, 31 de Julho em Mondim de Basto. Na Castanheira, venha brindar ao som da Sacabuxa, no dia 4 de Agosto pelas 22 horas nas comemorações do 8º aniversário, na esplanada da sede da AJAC.



JORNAIS DOS VIZINHOS

O MANIGOTO

O Jornal "O Manigoto" é uma publicação periódica de informação geral, portuguesa e de âmbito regional. Tem como fítilo o nome da freguesia, razão da sua existência. A edição e propriedade é do Grupo de Amigos do Manigoto. Tem periodicidade trimestral e é distribuído gratuitamente por associados, assinantes e entidades, em Portugal e noutros países (aos emigrantes).

O n.º 0 deste jornal surgiu em Janeiro/Abril de 1995. Começou por ser um boletim quadrimestral para "informar e contribuir para a valorização do Manigoto". De quatro páginas passou para seis, depois para oito e actualmente conta já 24 páginas por edição. De quadrimestral passou para trimestral e uma tiragem de 1 500 exemplares.

Nele se têm publicado - desde o primeiro número - textos e imagens sobre actividades desenvolvidas pela associação e sobre valores histórico-culturais da freguesia, entre outros. No seu Estatuto Editorial podemos ler que o principal objectivo "é informar e contribuir para a valorização do Manigoto, partilhando alegria, notícias e conhecimentos", sendo o seu objectivo específico "publicar factos respeitantes a actividades desenvolvidas pelo GAM e a valores histórico-culturais da freguesia do Manigoto e da região em que se insere".

Actualmente conta com várias rubricas fixas, de entre as quais se destacam:

"Tradição oral", cujo objectivo consiste na publicação de textos recolhidos junto de pessoas idosas que assim transmitem o saber que foi passando de geração em geração. Por outras palavras, trata-se de registar memórias que sobreviveram ao tempo, como sejam ditados, orações, contos, estórias ou cantigas.

"Retratos", que consiste na publicação de fotografias antigas no intuito de recordar pessoas, locais e acontecimentos, verificando, através destes testemunhos, a evolução registada ao longo das últimas décadas.

A par destes e doutros trabalhos, "O Manigoto" continua a dar voz à freguesia que lhe deu nome e às gentes que são a sua razão de ser. É isso que tem vindo a fazer no decorrer dos seus quinze anos de vida e quarenta e dois números publicados. Tem contado com a prestimosa colaboração dos jovens do Manigoto e outros colaboradores, que se sentem recompensados pelo carinho e apreço que lhe é transmitido pelos seus fiéis leitores.

José Manuel Ferreira

(director do jornal associativo O MANIGOTO)

O MANIGOTO

Centro Social do Manigoto já é uma realidade



Novo Governador Civil da Guarda visita Manigoto



José Laura é o novo presidente da Junta



Município de Pinhel dinamiza actividades nas IPSS

Gente de Cá: A Tia Antoninha

Nascidos na Castanheira em 1950

- Joaquim Tomé (01/01/1950)
- Maria Inácia Marques (02/01/1950)
- Florentino de Jesus Pires (10/01/1950)
- José Mateus dos Santos (19/02/1950)
- Angelina de Jesus Lopes (21/02/1950)
- António Diniz Pereira (26/02/1950)
- Joaquim Rafael (06/03/1950)
- Maria José Florência (11/03/1950)
- Maria Nazaré Alexandre (13/03/1950)
- Maria Amélia Gonçalves Brás (22/03/1950)
- Maria Rosa Gonçalves (28/03/1950)
- Maria Gabriela dos Santos Teixeira (13/04/1950)
- Palmira Saraiva Tomé (26/04/1950)
- Alzira Moita Martins (26/04/1950)
- Joaquim Pires Braz (28/04/1950)
- Joaquim Luiz Pires (21/05/1950)
- José Gonçalves Cardoso (21/05/1950)
- Maria Alcina Monteiro Igreja (01/06/1950)
- Maria Salete Gomes (04/06/1950)
- Maria Alcina (04/07/1950)
- Maria Lídia Marques (10/07/1950)
- Virtudes Dinis Teixeira Moita (23/07/1950)
- Maria da Conceição Diniz (26/07/1950)
- Tereza dos Santos Lucas (27/07/1950)
- Maria Idalina Martins (12/08/1950)
- Ernesto dos Santos Ferreira (18/08/1950)
- Manuel Miguel Gonçalves Moita (25/08/1950)
- José Miguel Capelo (27/08/1950)
- Emília Miguel Marques (09/09/1950)
- Maria Miquelina Carreira (11/09/1950)
- Joaquim Terras Rebelo (20/09/1950)
- Maria da Conceição Marques (30/09/1950)
- Maria Manuela Alexandre Diniz (12/10/1950)
- Joaquim Gonçalves Terras (18/10/1950)
- Maria Fernanda Diniz (19/10/1950)
- Maria Alcina Gonçalves Lourenço (19/11/1950)
- Maria Esperança Terras Gonçalves (21/11/1950)
- Alfredo Gonçalves dos Santos (21/11/1950)
- Lucinda Lourenço Baptista (15/12/1950)



SANTOS POPULARES

No passado dia 26 de Junho, com uma organização conjunta da AJAC e da Associação Cultural de Pínzio, foram festejados na Castanheira os Santos Populares. A actividade ficou marcada pelo desfile pelas ruas da Castanheira, com uma grande adesão da população, da bem ensaiada Escola de Música da Banda Filarmónica de Pínzio. No final do desfile a associação ofereceu uma sardinhada à população, onde não faltou o tradicional caldo de grão-de-bico e uma animada fogueira de rosmaninho.

BTT CASTANHEIRA

Decorreu no dia 10 de Junho a 2ª edição do passeio de BTT da Castanheira/ Just in Time, com cerca de 100 participantes a percorrerem os trilhos da nossa região. A chuva que caiu nessa manhã veio trazer uma dificuldade acrescida ao já difícil percurso delineado. Apesar das condições meteorológicas adversas, a tarde, como já vem sendo hábito, valeu pelo grande convívio entre todos os btt'istas. Para o ano contamos melhorar o que esteve menos bem e aperfeiçoar a restante parte.



ABERTURA DA PISCINA



A piscina abriu portas no dia 27 de Junho e assim irá permanecer até ao próximo dia 5 de Setembro. À semelhança do ano passado, funciona de terça-feira a domingo, no horário das 14h00 às 20h00, com entrada livre para os sócios. Os restantes utilizadores pagam um ingresso de 2 €, sendo que para as crianças até aos 6 anos a entrada é gratuita. Cada vez mais este espaço está

ser eleito como local de lazer para todos os que se encontram de férias, quer residentes quer habitantes das freguesias vizinhas e emigrantes.

AGOSTO É DE TODOS

Ao longo de todo o mês de Agosto a associação vai organizar uma série de actividades com o objectivo de levar animação a todos quantos nos visitam neste período. As actividades vão começar na logo na primeira semana com música ao vivo, jam-session, karaokes, para nas semanas seguintes serem organizados uma série de jogos tradicionais e depois as caminhadas em torno do nosso património natural. Podemos adiantar que grande parte das actividades irá decorrer durante a semana.



PALAVRA DE PRESIDENTE

Era uma vez uma escola

Nos últimos tempos fomos assolados pela notícia que a escola primária da Castanheira iria fechar no próximo ano. Não cumpre com os critérios estabelecidos pelo Ministério da Educação para que as crianças aprendam de acordo com as normas de qualidade estabelecidas. Podemos ter boas instalações e oferecer diversas valências, mas só em escolas com mais de 20 alunos é possível aprender com qualidade! Dizem os entendidos que nem brincam com qualidade... Terá de vir uma carrinha para transportar as crianças das nossas aldeias, com um tempo de carreira nunca inferior a 2 horas diárias, para abarrotarem um qualquer centro escolar e, aí sim, vão brincar com a qualidade estereotipada. Bem, mas afinal parece que no próximo ano lectivo a escola ainda vai manter as portas abertas, isto porque a escola que iria receber as nossas crianças não teria condições para as receber. Estranho. No meio disto tudo alguém foi contar as carteiras e verificou que não chegavam para todos os alunos...

O encerramento para sempre da nossa escola, quando se tornar realidade, apesar de causar tristeza, não é nenhuma surpresa. Temos vindo a adiar o inadiável. Aqui na nossa região, a uma distância num raio inferior a dez quilómetros, ainda temos três escolas abertas. São elas a escola da Castanheira, Amoreira e Pínzio. Bastou folhear os jornais locais para verificar que, por nenhuma ter mais de 20 alunos, todas estão em risco de fechar. Brevemente as crianças serão transportadas para as sedes de concelho (Guarda, Almeida e Pinhel, respectivamente). Li ainda que foram feitas reuniões com a tutela, onde estiveram representadas todas as autarquias do distrito, sendo que não é do conhecimento público que houvesse qualquer proposta no sentido de uma das escolas ser intervencionada e manter as portas abertas. Será que as "quintzinhas" autárquicas não permitem que seja criada uma solução, mesmo do ponto de vista economicista, razoável e que vá de encontro às necessidades das populações? Mas que porra! Entendam-se!

Vitor Gonçalves

Ficha Técnica

Boletim da Associação da Juventude Activa da Castanheira
6300-075 Castanheira,
e-mail: castanheira.jovem@ajac.com.pt ou geral@ajac.com.pt
Director: Vitor Gonçalves Coordenador: Joaquim Martins Igreja
Periodicidade: Quadrimestral Tiragem: 1.000ex.
Paginação: Elsa Fernandes
Impressão: Marques e Pereira (Guarda)

Quer receber gratuitamente o jornal em casa?

Se é associado ou se já fez à AJAC algum donativo, vai continuar a receber o nosso jornal. Se não é associado nem deu nenhum contributo à AJAC, pode fazê-lo. Escreva para: Associação da Juventude Activa da Castanheira, 6.300-075 CASTANHEIRA GRD. A partir do número de Abril de 2009 só nestas condições pode continuar a receber o jornal.
O nosso obrigado a todos aqueles que acreditam no Castanheira Jovem.